



O percurso da semiótica na USP

Uma homenagem a Beth Brait, José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, Luiz Tatit e Norma Discini

DIANA LUZ PESSOA DE BARROS

Disse no meu memorial para o concurso de titular, em 1996: “Como estudiosa do discurso, sei que os memoriais que escrevi construíram a minha memória dos fatos passados; refazê-los agora seria, de alguma forma, alterar a “verdade” do texto e da vida. Tantas vezes, em cursos, ensaios ou conferências, procurei mostrar que a “verdade” de um texto é um efeito de sentido de procedimentos discursivos e textuais, tantas vezes desmontei as estratégias de construção da verdade dos discursos dos outros, não tive porém a coragem de fazer a mesma coisa com o meu.”

Passaram-se 21 anos de perdas e ganhos: perdi minha mãe e meu irmão, ganhei a Rosa, muita coisa mudou na Universidade e no Departamento, a que dei corpo e alma, e no País. A ditadura militar, que para mim era um divisor de águas, deixou de sê-lo para muitos e, o mais triste, até para pessoas de quem gosto; há enorme retrocesso em questões fundamentais, trabalhistas, de inclusão social, de valores, de comportamento, com o aumento de discursos e ações intolerantes e preconceituosos, e, de novo, esse retrocesso é apoiado por vizinhos e familiares. Daí que o meu agradecimento emocionado aos colegas, alunos e amigos do Departamento de Linguística e desta Faculdade que me homenageiam, é, sobretudo, por estarem reconhecendo, de alguma forma, que o que fiz e em que acreditei aqui durante mais de 40 anos, como professor, como pesquisador, como chefe de

departamento, como participante de muitas lutas pela democratização do Departamento, da Faculdade e da Universidade valeu a pena. Essa homenagem tornou, enfim, possível que eu continue a dizer que se de muitas coisas me arrependo na vida universitária, não lamento ter-me empenhado com entusiasmo nos vários papéis que assumi. Não sei se isto faz de mim uma “saudosista dos anos sessenta”, que não sabe “que o sonho acabou”, “uma interiorana ingênua” ou como diriam nossos primeiros gramáticos da língua portuguesa, uma “aldeã sem juízo”, o que posso dizer é que, apesar das decepções, das perdas, das tristezas e desencantos, o fato é que continuo a acreditar. Afinal, a gente sempre ganha rosas. Obrigada por essa rosa que vocês estão me oferecendo agora.

Agradeço, em especial, à Esmeralda e à Ana Müller que organizaram esta homenagem. Agradeço as palavras da Esmeralda e do Arnaldo. É interessante pensar que a Esmeralda e o Arnaldo foram dois orientandos que me abandonaram: a Esmeralda foi com Cadu para os EUA e, lá, mudou de área e de orientação, do discurso para a gramática gerativa. Penso sempre que isso foi um ganho enorme para o Departamento e para a linguística brasileira. No Departamento, ela introduziu essa área da linguística mais “hard”, tão necessária entre nós, mas o fez e faz ainda, como alguém que reconhece a importância dos estudos do discurso. Foi uma companheira incansável na nossa luta, bem sucedida, por reerguer este Departamento. Quanto ao Arnaldo, depois do mestrado que orientei, saí para um estágio de pós-doutoramento na França, e pedi ao Fiorin, que o aceitasse, provisoriamente, no doutorado. Quando voltei, ele não me foi devolvido... Tenho muito orgulho de meus orientandos, premiados ou não, professores, pesquisadores que fazem a diferença, e também daqueles que, como Esmeralda e Arnaldo, perdi, mas sem perdê-los. A tarefa de formar nossos alunos, na graduação e na pós, foi sempre a que exerci com maior prazer e entusiasmo e fico muito satisfeita por ter podido contribuir para a formação de bom número deles em quase 50 anos de magistério.

Retomo agora, o que contei em meus memoriais, principalmente sobre o Departamento de Linguística e as pequenas contribuições que a ele pude dar, além das atividades de docência que já mencionei.

Começo dizendo, para que as coisas façam sentido, que nasci em Monte Aprazível, cidadezinha do interior de São Paulo, filha da professora de primeiro ano responsável pela alfabetização de quase toda a cidade e do professor de geografia do Colégio estadual. Tive infância e adolescência com todos os lugares-comuns de vida em pequenas cidades do interior: com muitos amigos e dois irmãos mais novos, brinquei na praça do coreto, andei de bicicleta nas ruas de terra, aprendi a nadar na represa, fantasiei-me no carnaval, dancei no clube local e, melhor ainda, nos bailes das cidades vizinhas, apanhei goiabas e manga no quintal, tive o meu cinema “Paradiso”, fiz roupa nova para as procissões, estudei no Grupo Escolar, aprendi piano e francês. Até me casei com o filho dos vizinhos (e ainda continuamos casados).

Fiz meus estudos nas escolas públicas locais e ingressei no curso de Letras da que é hoje a UNESP de São José do Rio Preto, a 30 quilômetros de Monte Aprazível. Meu curso superior foi marcado fortemente pelos ensinamentos de um grupo de professores que, a duras penas, tentava recuperar não só ensino, mas também a dignidade de uma escola fortemente atingida pela repressão desencadeada em 1964. Eduardo Peñuela Cañizal, Ignácio Assis Silva e Alceu Dias Lima me ensinaram, em aulas de literatura, linguística e latim, o que significa ser professor universitário no Brasil.

Depois de uma bolsa de estudos em Paris, em 1970, que me forneceu a oportunidade de elaborar a dissertação de mestrado, já em semiótica, mudei-me para São Paulo, em 1972, e inscrevi-me no curso de pós-graduação em Linguística desta Universidade. Nesse mesmo ano, como monitora, dei aulas de Introdução à linguística, hoje os nossos Elementos, e fui contratada, em outubro de 1973, como professora junto ao Departamento de Linguística e Línguas Orientais, em que estava, na época, a área de Linguística.

Defendida minha tese de doutorado em 1976, voltei a Paris, para um estágio de pós-doutoramento. A tradição do encontro e das discussões em grupos, que lá encontrei, sobretudo no Seminário de Greimas constituiu, para mim, uma experiência nova, agradável e produtiva e mostrou-me outro modo de se encararem a pesquisa e a produção científica e intelectual. Senti falta, na volta ao Brasil, desse clima de trabalho e de interesses comuns, que só fui encontrar bem mais tarde no Departamento de Linguística.

Retornei ao Brasil, com muitos projetos e entusiasmo, arrefecido rapidamente pelas precárias condições de trabalho que encontrei. Por razões diversas, não consegui mudar meu regime de trabalho, nem tampouco que se abrisse concurso de efetivação, e só em junho de 1983, quando completava dez anos na USP, ingressei no Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa. Foram anos difíceis nessa área de Linguística, que não tinha reconhecimento na Universidade ou fora dela.

As boas atividades foram as de que participei no Centro de Estudos Semióticos que ajudara a fundar e que teve papel fundamental no desenvolvimento e na divulgação da semiótica no Brasil, e as ligadas à ADUSP, em que representei, mais de uma vez, o Departamento, e mais tarde a Faculdade, nos chamados Congressos da USP. Se, em muitos dos movimentos empreendidos, fomos derrotados, orgulho-me da vitória alcançada em alguns deles, como, por exemplo, na campanha por critérios claros para a obtenção de tempo integral na Faculdade e no movimento para que todos os alunos de Letras pudessem obter diploma em português.

Em novembro de 1985, fiz meu concurso de livre-docência. Se o concurso trouxe cansaço e desgaste, e até mesmo remorsos, pelo abandono, por um bom período, das filhas, do marido e dos amigos, não acarretou, porém, decepção ou frustração. Ao

contrário, em um momento difícil e triste de meu trajeto na Universidade, quando deixava o curso de Linguística, por razões que não vou aqui mencionar, o reconhecimento de meus esforços, o respeito da Comissão Julgadora por meu trabalho, o estímulo e mesmo a torcida de meus colegas, familiares e amigos, deram-me novo alento. Foi um instante de festa, as coisas retomaram seus lugares e pude continuar.

Nesse mesmo ano, fui transferida, a meu pedido, para a área de Filologia e Linguística Românica, em que fui muito bem recebida por Izidoro Blikstein. Não foi fácil deixar o trabalho de quinze anos. Houve sempre coisas que lamentei ter abandonado e, nesse caso, senti, sem dúvida, perder o contato mais estreito com os alunos de Linguística.

Em 1989, saí do País, para mais um estágio de pós-doutoramento, desta vez com toda a família, marido e duas filhas, Mariana e Flávia. Vivemos experiências novas em Paris, de escola primária e infantil públicas, de visitas ao parque Astérix, de passeios em zoológicos e castelos. Foi um período também de muito trabalho e proveito.

Um ano depois recebi, com toda a área de Filologia e Linguística Românica, convite do Conselho do Departamento de Linguística, que sofrera alterações de composição e chefia, para que formássemos um único e novo departamento. A nossas tarefas, com as forças somadas, seriam, sobretudo, as de contribuir para o desenvolvimento dos estudos linguísticos em nossa Instituição e para a recomposição da imagem e do papel que cabem à Linguística da Universidade de São Paulo. E assim fizemos todos nós desse grupo que se deu as mãos: partilhamos tarefas, cursos, projetos e sucessos, e também, as atividades de docência e de orientação, muito intensificadas.

De minha parte, assumi no período, com o objetivo principal de dar visibilidade ao Departamento e aos estudos linguísticos nele desenvolvidos, cursos no exterior como professor visitante, projetos junto à Secretaria Municipal de Cultura, conferências e comunicações em congressos no Brasil e no exterior, a coordenação do Centro de Estudos Semióticos, a Diretoria da Associação Brasileira de Linguística- ABRALIN, com Esmeralda e Leonor, a Presidência, com Eduardo Guimarães, da ICHOLS, congresso internacional que, pela primeira vez, era realizado no Brasil e na América Latina, a representação da área, por duas vezes, no CNPq. Os resultados foram compensadores, pois, entre outros ganhos, mostramos o trabalho relevante que se fazia na USP em Linguística.

Fui chefe do Departamento de Linguística, em três gestões, não consecutivas. Nesse cargo meu esforço foi sempre o de desenvolver, apoiar e incentivar, com prioridade, as atividades acadêmicas do Departamento. Empenhei-me também em contratar novos docentes e em convidar professores visitantes, tendo em vista a sobrecarga docente e a falta de professores em certas áreas de especialidade, em criar cargos para professor titular no Departamento, em operar as mudanças necessárias nos

cursos de graduação e de pós-graduação (implantamos novos currículos na graduação e reorganizamos a pós), em melhorar a infraestrutura de apoio à docência e à pesquisa, com a contratação de mais um funcionário. Faço agora menção ao apoio inestimável do secretário do Departamento, Ben Hur, durante essas gestões. A Érica, sobretudo na pós-graduação, e o Robson, bem mais tarde, deram também grande contribuição.

Meus colegas e amigos do departamento foram parte inegável nesse processo de dar ao Departamento de Linguística nova imagem e reconhecimento. Cada um de nós fez a sua parte e creio que fomos bem sucedidos. Somos hoje um dos mais importantes centros de estudos da linguagem no Brasil, bem avaliados, na graduação e na pós-graduação, com produção de obras de referência nas várias áreas da Linguística, nossos professores e alunos têm reconhecimento no país e no exterior. Como diz Guimarães Rosa, em outro texto e contexto: “Pois, produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto.”

E quero, para terminar, falar agora do papel da semiótica na obtenção desse crescimento e sucesso em nosso Departamento. A semiótica foi por muito tempo, a área mais sólida e madura do Departamento, a que lhe deu mais visibilidade e reconhecimento, a que mais formou alunos, mestres e doutores, para as diferentes universidades do país. E não digo isso porque sou, como vocês sabem, uma “semioticista de carteirinha”. A introdução e os primeiros desenvolvimentos da Semiótica no Brasil deveram-se a estudiosos ligados à tradição universitária, principalmente na área de Letras e na de Comunicação e Artes. A linguística da USP teve nisso papel fundamental. A formação institucional em semiótica, com a disciplinarização universitária, é um das razões de sua forte recepção e desenvolvimento entre nós.

Desde os anos 70, oferecemos, na área de linguística da USP, disciplinas semióticas em licenciaturas, bacharelados e cursos de pós-graduação, fazemos e orientamos dissertações e teses, escrevemos livros de fundamentos semióticos e outros mais avançados, formamos pesquisadores nessa área. Temos já “netos” e “bisnetos” intelectuais espalhados pelo país, doutores em Semiótica, e na perspectiva que demos a esse campo do conhecimento no Brasil. Pudemos, dessa forma, além de promover desenvolvimentos teóricos e metodológicos, explicar processos de significação do homem e da sociedade americanos. Infelizmente, porém, preciso voltar às dificuldades apontadas no início de minha fala: os professores de semiótica não mais poderão, atualmente, oferecer duas disciplinas de Pós-graduação por semestre, porque há poucos professores no Departamento, e menos ainda de Semiótica. Cinco de nós, aqui homenageados, se aposentaram e não puderam ser repostos.

A semiótica tem hoje apenas três professores lutando bravamente pela sobrevivência da área. Empenhei-me muito, com outros colegas, para contratar professores para outras áreas, na época, incipientes entre nós, briguei muito pelo

O percurso da semiótica na USP: uma homenagem para Beth Brait, José Luiz Fiorin,

Diana Luz Pessoa de Barros, Luiz Tatit e Norma Discini.

05 de Maio de 2017 – Auditório István Jancsó da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, São Paulo (SP)

estabelecimento e desenvolvimento de outros campos dos estudos linguísticos. Colegas e amigos do Departamento e da Faculdade lutem agora por mim para que a área do conhecimento, cuja importância histórica e teórica mencionei e a que dediquei uma vida, não se apague.

Agradeço-lhes, como vida, esta homenagem que restaura e valoriza o meu passado, e assegura-me ainda um futuro.

Obrigada. ❖